



PONTO DE VISTA

REFLETINDO SOBRE A ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA DA MOTRICIDADE

Heloisa Turini Bruhns

Faculdade de Educação Física - UNICAMP

RESUMO

BRUNHS, H.T. Refletindo sobre a elaboração do conhecimento na área da motricidade. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, vol. 06, nº 01, pp 47-51, 1992.

O propósito deste estudo é analisar aspectos metodológicos sobre a pesquisa em Educação Física.

Muitos problemas estão envolvidos na questão, como a relação sujeito-objeto, "armadilhas" positivistas e empiristas, a historicidade e outros.

O tema torna-se importante auxiliando o pesquisador na compreensão da escolha do método, possibilitando uma reflexão sobre o próprio.

UNITERMOS - Pesquisa, Metodologia, Epistemologia.

Discutiremos aqui algumas questões pertinentes à Educação Física enquanto área de pesquisa, bem como algumas propostas de análise metodológica pertinentes a determinadas linhas de pensamento correspondentes a correntes filosóficas historicamente existentes, indicando caminhos mais seguros na investigação dos problemas, uma vez que explicitam a relação existente entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento, resultando na elaboração do próprio conhecimento (produto do processo cognitivo)¹. A abordagem levantará reflexões tanto ao nível filosófico como possibilidades de interpretações ao nível das Ciências Sociais.

É notória a discussão sobre o campo

real da Educação Física (com a preferência aqui pela denominação **Motricidade**, devido à dicotomia corpo/mente embutida no termo lingüístico Educação Física, como pela abordagem mecânica de suas propostas)² e seu objeto específico. Alguns profissionais colocam no campo da saúde, outros no campo das Ciências Humanas. Não pretendo entrar no mérito da discussão relativa à possível cientificidade ou não da própria, mas sim do tratamento dirigido aos pressupostos teóricos no âmbito da pesquisa científica.

O movimento humano, sempre indicado como objeto da área, passa a ser questionado, uma vez reconhecido pelo campo da compreensão, a sua inadequação na explicação dos fenômenos. Um braço em movimento não explica jamais o homem que o produziu, isto é, considerar o movimento como deslocamento único de um membro e daí dissecá-lo através de análises biomecânicas, fisiológicas, etc., torna-se grande abstração proporcionando um distanciamento do mesmo na compreensão do fenômeno (denominamos essa consideração "inadequada")³. Quem se movimenta não é o braço, mas o homem. Seu braço não deve ser analisado fora da corporeidade, e desta em relação ao mundo. Igualmente pessoas correm e saltam, e não

2- O termo **Motricidade** vem eliminar em parte essa dicotomia, pois situa o movimento humano como diálogo, tendo um significado.

3- Optei pelo termo "inadequada", pois se mostra como tal para explicar a complexidade do movimento humano na sua relação social.

1- SCHAFF (86, p.72).



suas pernas ou seus "físicos", como demonstrado nos estudos de TAMBOER⁴.

Percebe-se uma mudança acentuada introduzida pelo entendimento do termo motricidade, no qual está envolvido um diálogo entre o homem e o mundo⁵ (demonstraremos essa motricidade de "adequada")⁶. Apesar do assunto não se apresentar como contemporâneo, sua introdução nas discussões acadêmicas do meio profissional apresenta-se recente, através de algumas obras mais comentadas⁷.

Talvez o espaço dessas discussões tenha aumentado nas últimas décadas, devido à hipervalorização ideológica do corpo (privilegiando algumas práticas corporais), presente na atualidade, a qual deve ser compreendida dentro do movimento histórico que a gerou, como procurei demonstrar em outro trabalho⁸.

Essa preocupação centrada no corpo possibilitou uma reflexão por parte daqueles questionadores das propostas "inadequadas" e sua mecanização inerente, propondo a concepção de motricidade, significando um diálogo.

A atenção volta-se para o significado e não para causas e variáveis, sendo o paradigma e a conceituação construídos sobre o primeiro. O ponto de partida refere-se a situações concretas, onde a motricidade surge significativa, isto é, através de signos e conceituações. Há um sentido simbólico abrindo espaço para uma análise interpretativa de suas representações.

No arremessar, atirar ou bater na bola, está implícito um questionamento do significado do mundo; no caso, a própria bola. Significado este construído através da motricidade, nos contactos com o objeto

manipulado⁹.

Devemos captar aqui, para continuarmos a reflexão, a abstração e mecanização apontada anteriormente existente na concepção "inadequada" dos movimentos dos membros do corpo separados do homem que os produziu, e uma mudança posterior na análise, introduzindo a concepção de motricidade comentada acima, denominada aqui "adequada", na qual essa abstração desaparece na relação homem/mundo.

A presente concepção "inadequada" de movimento nos currículos da área de Educação Física conduz a uma confusão de disciplinas na forma e conteúdo, bem como a uma não-articulação das mesmas. Há uma fragmentação, na qual se mostra impossível o alcance da totalidade, pois os elementos não têm conexão entre si e em relação ao objeto de estudo atribuído, não tecendo portanto um sistema de relações significativas¹⁰.

Essa fragmentação é apontada por PARLEBAS quando discute a crise atual da Educação Física. É mencionada uma fragmentação atribuída à divisão de técnicas, conhecimentos e formações na área profissional¹¹. Explica esse fato como consequência da concepção denominada aqui de "inadequada", a qual reduz "a ação física às características de deslocamento da máquina biológica e hipervaloriza de modo abusivo a descrição técnica"¹².

O autor não utiliza o termo motricidade, mas "conduta motora", que situa o "indivíduo em ação", e as modalidades motoras mostram-se como expressão de sua personalidade¹³.

Na preocupação de ordenar essas modalidades motoras, utiliza-se, como ele mesmo nomeia, de "indicadores objetivos", apresentando a seguinte classificação: "práticas desprovidas de interação", "práticas de interação antagônica", "práticas de interações cooperativas", etc.

9- TAMBOER (op.cit.)

10- A respeito do conceito de totalidade, remeto-me a KOSIK (76,p.35): "Na realidade, totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos) pode vir a ser racionalmente compreendido".

11- PARLEBAS (87).

12- Idem (p.6).

13- Ibidem (p.7).

4- TAMBOER (79). Daí levantarmos a questão de como ser possível afirmar que pessoas correm "errado", sendo o "correr" uma forma de expressão.

5- Idem.

6- A opção foi feita da mesma forma, somente em sentido contrário do termo "inadequada".

7- LE BOULCH (78), SÉRGIO (86), PARLEBAS (87). Porém essas discussões já aparecem em BUYTENDIJK desde 1949 e MERLEAU PONTY em 1945 (apud LE BOULCH, op. cit.). SINGER e DICK (80), referem-se a HETHERINGTON, que já em 1893 era favorável a uma nova Educação Física "com ênfase em educação e a compreensão de que é 'física' somente no sentido de que a atividade de todo o organismo é o regente educacional e não somente o intelecto". (p.21)

8- Consultar BRUNNS (89) na discussão sobre o corpo consumidor na sociedade contemporânea.



Dessa forma, classifica os jogos olímpicos como aqueles que valorizam "as práticas individuais, as situações nas quais reina o antagonismo, e os esportes que se desenvolvem num meio estandardizado sem imprevistos" ¹⁴.

Aponta essas características citadas como opostas ao ideal esportivo proclamado, cuja identidade estaria em glorificar a solidariedade e fraternidade universais entre os esportistas e trabalhar a disponibilidade dos atletas frente a situações novas e mutáveis.

O autor demonstra estranheza diante dessa contradição e, para romper com ela, propõe uma alternativa de trabalho, fundamentada numa modalidade mais próxima aos valores que deveriam ser os olímpicos, porém não são. Refere-se ao jogo, deixando nítida sua intenção de apresentar "outras redes de comunicação diferentes das que se dão nos duelos, com possibilidades reais de suscitar nos jogadores o gosto e o interesse pelo jogo" ¹⁵.

Vamos refletir um pouco sobre as colocações expostas até aqui.

No que diz respeito à motricidade como sendo um diálogo entre o homem e o mundo, foi apontada, de certa forma, uma concordância com o conceito de ação motora de PARLEBAS, pois este se reporta ao "ser que se move" e não apenas ao movimento de membros. Porém, o que pretendo mostrar é que, se antes havia uma abstração (já comentada) na concepção chamada "inadequada", nessa outra ("adequada") também se nota o mesmo, embora de forma diferente. A abstração agora advém da desconsideração pelos movimentos histórico-sociais presentes no "diálogo", influenciando-o e explicando-o ¹⁶.

Se quisermos entender o significado e função dessa motricidade, bem como suas variações, devemos nos remeter constantemente a uma análise interpretativa inserida nas relações sociais, bem como à sua história.

Existe uma fragilidade na análise baseada em dados sensíveis e diretos, ou seja, na aparência, pois esse imediato, esse

superficial, mantém relações dialéticas com dados que necessitam ser desvendados, pois não se mostram empiricamente ¹⁷.

Os fatos não são trans-históricos, como tendo existência permanente e constados como óbvios; ao contrário, possuem uma historicidade, um processo que os gerou.

Retornando às colocações de PARLEBAS ¹⁸ sobre os jogos olímpicos, essa fragilidade comentada acima se faz perceptível, pois a análise não se sustenta somente levando-se em conta os dados disponíveis imediatos, ou seja, que os esportes contradizem o ideal olímpico. Não é possível analisar a causa desta ambigüidade a "olho nu" porque ela não se apresenta na superficialidade e no imediato. As diferenças entre poderes econômicos e políticos estão implícitas e dissimuladas sob o simbolismo coletivo do espetáculo.

Indagamos então, se surtiria resultado a troca de situação ao nível de modalidades esportivas, segundo a classificação do autor, de "práticas de interação antagonica" por "práticas de interações cooperativas", para que aqueles ideais surgissem mecanicamente. Certamente que não. A questão do ideal olímpico igualmente deve ser indagada: como surgiu, a que classe social representava e em que momento histórico.

Reportando-nos a BOURDIEU ¹⁹, inteira-mo-nos da composição do primeiro comitê olímpico: "... contava com não sei quantos duques, condes e lordes, e todos de nobreza antiga". Era portanto composto por aristocratas, integrando os "pressupostos essenciais da moral burguesa da empresa, da iniciativa privada" ²⁰.

Analisando a prática de determinados esportes, o autor apresenta uma interpretação esclarecedora, indicando a atual escolha de modalidades esportivas, baseada não somente no poder financeiro e tempo disponível, mas numa outra condicionante, apresentando peso significativo: o "ethos" ou "idéia moral" ²¹ das diversas classes.

17- MARX afirmou que "toda ciência seria supérflua se a aparência, a forma das coisas fosse totalmente idêntica à sua natureza". (citado em Alves, 85, p.39).

18- PARLEBAS (op.cit.).

19- BOURDIEU (83,p.140).

20- Idem

21- Para melhor compreensão da idéia de "ethos" e visão de mundo, consultar GEERTZ (78).

14- Ibidem (p.19).

15- Idem

16- TAMBOER (op.cit.)



Chega à conclusão sobre determinadas práticas como, por exemplo, a ginástica, que na demanda popular objetiva alcançar um corpo forte (signo de força) e na demanda burguesa um corpo são (indicando funções higiênicas).

Quanto aos esportes cujas demandas direcionam-se para as qualidades "físicas", a preferência instala-se nas classes menos privilegiadas, onde valores como "espírito de sacrifício", de docilidade e de submissão à disciplina coletiva, exaltação de competição²², entre outros, estão presentes. Os membros das classes dominantes os mantêm afastados pela "preocupação com a distinção e com a falta de gosto"²³.

Essas interpretações elucidam a necessidade do aprofundamento dos fatos evidentes através de uma pesquisa desveladora do "óbvio" ou da descrição da forma através da qual os fenômenos se apresentam. Assim, chegaremos a resultados como esses, apresentados por BOURDIEU²⁴, os quais se engendram na investigação do modo como o imediato é produzido.

Retornando à questão levantada anteriormente, pertinente à fragmentação relacionada à divisão de técnicas, conhecimento e formações na área profissional (acusada por PARLEBAS²⁵), o mesmo pressuposto é válido: como surgem, em que contexto?

Prosseguindo, vamos refletir sobre os "indicadores objetivos" do autor. Nota-se, através deles, uma preocupação com o controle pelo sujeito sobre o objeto de estudo e o domínio sobre os fatos. Apesar do ganho em precisão e rigor na observação e tratamento do objeto de investigação, tem-se como consequência a perda da riqueza e a desenvoltura no uso criativo da inteligência. As classificações tornam a análise estática, resultando numa perda da visão dinâmica da totalidade. Isto devido a esta visão dinâmica não ser empírica; é um conceito abstrato, realizado com articulações teóricas, isto é, com conceituações mais gerais e abrangentes, relacionadas com o contexto considerado²⁶.

22- BOURDIEU (op.cit., p.150).

23- Idem

24- Ibidem

25- PARLEBAS (op.cit.).

26- A totalidade como já discutimos, não é um mero agrupamento de fatos. A realidade apresenta-se como totalidade concreta, transformando-se em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos.

De acordo com o exposto até o momento, tentei explicitar a importância, para o conhecimento da realidade (constituindo-se numa totalidade concreta), de nos remetermos constantemente à Filosofia, pois no processo de conhecimento está implícita uma visão de mundo, de homem, com influência na relação sujeito-objeto presente nesse processo. A reflexão filosófica nos leva a melhor compreensão desses envolvimento e a melhor esclarecimento dos caminhos eleitos.

Por outro lado, a adesão às Ciências Sociais na análise interpretativa dos dados nos fornece ferramentas para nos situarmos na sua realidade social e o como foram gerados, através de um processo histórico. Dados esses que, como busquei demonstrar aqui, apesar de sua evidência, apresentam-se como invólucros de conteúdos complexos, necessitando serem desvendados. O familiar (ou corriqueiro) envolve elementos "estranhos" (ocultos). A riqueza de um estudo certamente implicará enxergar o estranho no familiar.

Para finalizar, vamos nos reportar rapidamente ao papel do pesquisador (ou o "sujeito que conhece") quanto a sua ação ou participação política através do conhecimento.

Há uma intervenção no ângulo de abordagem do objeto, em maior ou menor grau, de acordo com a postura teórica subjetiva do pesquisador, a qual envolve condições de classe, linguagem e outros²⁷ (no campo das Ciências Humanas isso é mais evidente).

No sentido de outra intervenção, concordo com DURHAM²⁸ (não obstante esteja se referindo à Antropologia, acho válido para as Ciências Humanas em geral) sobre a "política crescente do nosso universo social" direcionando ou tentando direcionar nossa atuação, às vezes com propostas bastante provocativas financeiramente, as quais podem conter interesses camuflados (sobreposição da técnica, promoções políticas, favorecimento de classe e outros).

A incidência desse fato na pesquisa tem conduzido o clima intelectual "no sentido de criticar o isolamento acadêmico, proclamando a necessidade de um engajamento político dos cientistas sociais e enfatizando sua responsabilidade social"²⁹.

27- Consultar SCHAFF (op.cit.) a esse respeito.

28- DURHAM (86, p.27).

29- DURHAM (op.cit., p.27).



Isso nos conduz à discussão sobre a não-neutralidade da ciência e a atenção necessária por aqueles direta ou indiretamente envolvidos, no sentido de perceber essa politização e sua direção.

Mediante o exposto, conclui-se que o pesquisador deve propor, pois, ao contrário, a omissão não conduzirá à transformação necessária para a vida social e idéias que não correspondem (e às vezes camuflam) a realidade acobardão prevalecendo.

ABSTRACT

BRUHNS, H.T. Thinking about knowledge construction in motor area. Brazilian Journal of Science and Movement, vol. 06, nº 01, pp 47-51, 1992.

The purpose of this study is to analyse methodological aspects about Physical Education research.

Problem issues involved in this methodological analysis are related to subject-object relation, history, empiricism and others.

This study is important because it will improve the researcher a comprehension of means of his choice, and will give the possibility of reflection about it.

UNITERMS - Research, methodology, epistemology.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01- ALVES, Rubem. Filosofia da Ciência. 7ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1985.

02- BOURDIEU, Pierre. É possível ser esportivo? In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero Limitada, 1983.

03- BRUHNS, Heloisa T. A dinâmica lúdica. Tese de Mestrado, Faculdade de Educação, Campinas, UNICAMP, 1989.

04- DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Roberto (org.) A aventura antropológica. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

05- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

06- KOSIK, Karel. Dialética do concreto. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra s/d.

07- LE BOULCH, Jean. Hacia una ciencia del movimiento humano. Buenos Aires, Paidós, 1978.

08- PARLEBAS, Pierre. Perspectivas para una Educación Física moderna. Espanha, Unisport Andalucía - Junta de Andalucía, 1987.

09- SCHAFF, Adam. História e verdade. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

10- SÉRGIO, Manuel. Motricidade humana - uma nova ciência do homem. Lisboa, DGD, 1986.

11- SINGER, Robert e DICK, Walter. Ensinando Educação Física. Porto Alegre, Ed. Globo, 1980.

12- TAMBOER, Jan. Movimentar-se: Um diálogo entre o homem e o mundo. Texto apostilado, traduzido do alemão, Hamburg, 1979.

ENDEREÇO DO AUTOR / AUTHOR ADDRESS

Heloisa Turini Bruhns
Av. José Bonifácio, 1060 - apto. 32
Campinas - São Paulo
CEP 13093

